

4 de maio de 1950

MEIO DE SEMANA

O remorso de Gide não transparece nas suas confissões, apesar da sinceridade audaciosa com que ele costuma analisar seus próprios atos. Mas toda vez que se encontra em sintonia com aquela hora remota na qual decidiu condenar a obra de Proust, toda vez que ele se aquece ao sentimento desse instante do passado já distante, sem dúvida um movimento de alma se dissolve em seu mundo íntimo, e seu silêncio particular condena esse gesto agora irremediável, embora quase esquecido.

A revolta dos escritores novos contra as editoras que recusam seus originais, obriga-nos a pensar no caso de Marcel Proust, que aconteceu em Paris, no meio de editoras inumeráveis, sob o julgamento naturalmente mais esclarecido da época, o de André Gide. Casos de recusa, de reprovação de originais são cotidianos, não tem conta, acontecem a todo o instante, nos escritórios de todas as editoras do mundo. Há mais escritores entre o céu e a terra do que imagina a nossa vã suposição. E a maioria deve ser detida à entrada da tipografia, pois do contrário, as empresas abririam falência em pouco tempo.

O caso de Proust, entretanto, deve ser considerado à parte. Certamente que, em menor escala, ele se repete às vezes, e muito original recusado acaba sendo, afinal, uma obra considerável. Proust, pela sua posição, pela glória que depois o aureolou como um dos poucos privilegiados pela magia da ficção, constitui um caso sério. Tão sério que pensamos no remorso de Gide, pois sem essa glória, sem esse prestígio quase sem par da obra proustiana, certamente Gide dormiria tranqüilo, embora recordasse o seu erro nos momentos de visita de seu demônio íntimo. Aquele dia, examinando os manuscritos do desconhecido, ele não poderia pensar de outra forma. A letra horrível de se

entender, os períodos imensos, a minúcia infinita em torno de coisas aparentemente sem importância para o conjunto da obra, tudo levaria Gide a pensar que estava diante de um escritor fracassado. Ele não poderia sentir a fascinação misteriosa desse autor que estava escrevendo diferente de todos os escritores do mundo, era cacete, mas acabava hipnotizando pela força obscura e fugitiva de sua enfermidade de sensitivo. Se aquilo já estivesse limpo e nítido na geometria da letra de forma, sem dúvida ele teria captado o segredo dessa prosa profunda como a ressonância de um sino submerso, o aflorar da memória afetiva com o raro colorido irreal das formas e dos movimentos do sonho. Talvez se irritasse um pouco, esse lúcido filho da claridade e do equilíbrio, com a presença do visitante noturno impregnado de mistério, mas acabaria aceitando essa arte de reviver as coisas com o sensualismo palatal dos ruminantes.

Talvez tudo tenha sido apenas uma questão de superfície. Se Proust ao menos tivesse um bom datilógrafo... se isso fosse possível...